

## **Mídia, gênero e imaginário social: construções da figura da vítima na cobertura da violência contra a mulher na Capricho<sup>1</sup>**

Beatriz VIANNA<sup>2</sup>  
Universidade Federal Fluminense, UFF, RJ

### **RESUMO**

O trabalho pretende discutir as construções da figura da vítima na cobertura da violência contra a mulher, apoiando-se em uma discussão sobre imaginário social e mídia a luz dos estudos de gênero. Através dos métodos de análise de conteúdo e estudo de caso, foram escolhidas publicações veiculadas no site da Capricho referentes às denúncias de violência doméstica da atriz Duda Reis com o cantor de funk Nego do Borel. A análise do material, que deriva de pesquisa ampla sobre o tema, sugere uma cobertura que resgata estereótipos de gênero associados à figura da vítima, endereçando para um debate sobre a forte presença de um imaginário social patriarcal na mídia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mídia; imaginário; gênero; violência; interseccionalidade.

### **INTRODUÇÃO**

A história da imprensa feminina no Brasil data do século XIX, quando podem ser reconhecidos os primeiros periódicos que tinham a mulher como público-alvo (DUARTE, 2017). Versando direta ou indiretamente sobre as condições da mulher em diferentes fases e contextos, a revista Capricho, do grupo Abril, é parte dessa leva de publicações pensadas para um público feminino de classes mais altas que surgem em meados do século XX – no caso da Capricho, em 1952 – em um momento em que as mulheres “saíam do território restrito da domesticidade e começavam a povoar o espaço público” (MEDEIROS, 2015, p. 91).

Inicialmente uma publicação de fotonovela, voltada às mulheres mais jovens e sem filhos, a Capricho passou por diversos reposicionamentos editoriais até se firmar como uma revista que leva entretenimento e informação à adolescente, sendo sua “melhor amiga”, e que assim se mantém até hoje em um constante esforço de acompanhar as

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Interseccionalidades, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano da UFF, email: [beatriz\\_v@id.uff.br](mailto:beatriz_v@id.uff.br).

---

transformações da sociedade, principalmente no que diz respeito ao papel da mulher nela (MEDEIROS, 2015; FREIRE FILHO, 2005).

Desde 2015, porém, a revista permanece ativa somente no meio on-line<sup>3</sup>, falando sobre moda, beleza, filmes, séries e, ainda, sobre assuntos que dialogam diretamente com determinadas pautas feministas – não à toa, possui uma seção intitulada “Feminismo”<sup>4</sup>. É a partir dessa breve contextualização sobre o alinhamento editorial da revista que situamos o destaque dado à cobertura da violência contra a mulher, em suas diversas formas, na respectiva seção.

Enquanto uma revista que hoje se autointitula feminista, compreende-se o fato de a problemática assumir destaque em sua agenda. Todavia, cabe destacar, que esta ocorre associada majoritariamente a casos protagonizados por figuras públicas, seja na posição de vítima ou de agressor. Tendo isso em vista, o trabalho pretende discutir uma das várias dimensões que a cobertura do tema pode levar, voltando-se, essencialmente, à construção da figura vítima nas publicações.

Como *corpus* deste artigo, que deriva de pesquisa ampla sobre o tema, elegemos as publicações referentes às denúncias de violência doméstica da atriz Duda Reis contra o cantor e ex-noivo, Nego do Borel, que vieram à tona em 2021. O caso teve repercussão notória na imprensa e redes sociais à época. Na *Capricho*, os desdobramentos do imbróglio renderam oito matérias, publicadas entre janeiro de 2021 e março de 2022.

Para tanto, escolhemos combinar a metodologia de estudo de caso com a análise de conteúdo (MORAES, 1999). De que forma a figura da vítima – neste caso Duda Reis – aparece nas publicações? Como ela é posicionada? De que forma esse posicionamento dialoga com o alinhamento editorial feminista da revista? De que forma ele se distancia? Foram algumas das perguntas feitas de modo a facilitar a análise do material escolhido.

Com isso, o trabalho volta-se para a construção da figura da vítima e seu constante diálogo com representações e estereótipos de gênero inerentes ao imaginário social, mantidos e reproduzidos na mídia a todo momento. Por estereótipo, tomamos emprestada

---

<sup>3</sup> De acordo com o *media kit* cedido pela própria revista, no primeiro semestre de 2021, o site alcançou a marca de 9 milhões de visitantes únicos (calculado a partir do tempo que um usuário/visitante passa nas páginas) e acumulou cerca de 13,6 milhões de *pageviews* (referente à quantidade de vezes que a página é visualizada). Somando todas as redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram e TikTok), são mais de 15 milhões de seguidores.

<sup>4</sup>A seção fica localizada dentro da seção “Comportamento”, em destaque na homepage. Sua primeira publicação data de janeiro de 2018. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/noticias-sobre/feminismo/>. Acesso em: 2 ago. 2023.

---

a definição de Lippmann (2008) ao situá-los como formas de representação simplificadas e redutoras da realidade.

Para tanto, o artigo utiliza uma bibliografia multidisciplinar a fim de propor uma conversa entre os estudos de gênero com trabalhos que versam sobre a dimensão simbólica da mídia, e também sobre o imaginário, situando-o como um espaço relevante de produção de sentidos (DURAND, 1996; 2004; 2012; MAFFESOLI, 2001; 2007). Busca-se, assim, problematizar os modelos de feminilidade advindos do que se pode compreender por um imaginário social patriarcal. Destaca-se aqui os estereótipos de fragilidade e passividade associados historicamente ao corpo feminino como forma de justificar abusos e violações (MOTA-RIBEIRO, 2005).

### **Mídia e imaginário social**

A influência que a mídia exerce sobre o imaginário social foi pensada de diversas formas no campo da Comunicação. Por mídia, cabe sinalizar, compreendemos não somente os seus produtos, mas também às infraestruturas e instituições que produzem e possibilitam a circulação do conteúdo produzido (CAMPANELLA, 2019). Teóricos como Lippmann (2008) avançaram na discussão sobre a influência que a mídia exerce na mediação dos acontecimentos e das imagens que levam à compreensão de si, dos outros, do mundo, importantes para o que ele chama de opinião pública.

São essas imagens que operam na compreensão do mundo e, decerto, na opinião pública que nos interessam neste trabalho. Isso porque, pensadores como Gilbert Durand, assinalam a importância das imagens, em meio a um contexto ambíguo de idolatria e desvalorização das mesmas nas sociedades modernas ocidentais, para pensar o imaginário. Sob um olhar antropológico, filosófico e até mesmo poético, ao buscar referências no romantismo, o autor encara o imaginário como um “museu” formado por “todas as imagens passadas, possíveis, produzidas e a serem produzidas” (DURAND, 2004, p. 6) pelo *homo-sapiens*.

Na perspectiva durandiana, o imaginário constitui-se pelo contato frequente com o sensível e o comum, revelando-se ainda um lugar de “entre saberes” (DURAND, 1996), dotados de regimes simbólicos que ajudam a dar sentido ao real, organizar a vida cotidiana e unir a sociedade. De tal maneira, funciona como um “movimento de ida e volta” entre o contato com a substância, o gesto e as imagens, símbolos e arquétipos. É o

que o autor chama de “trajeto antropológico”, que poderia partir da cultura ou do próprio “natural psicológico”.

Afinal, o imaginário não é mais que esse trajeto no qual a representação do objeto se deixa assimilar e modelar pelos imperativos pulsionais do sujeito, e no qual, reciprocamente, como provou magistralmente Piaget, as representações subjetivas se explicam “pelas acomodações anteriores do sujeito” ao meio objetivo. (DURAND, 2012, p. 41)

Em síntese, o imaginário de Durand, que se apresenta através da narrativa, traduz-se como um “elemento constitutivo e instaurador do comportamento específico do *homo sapiens*” (ARAÚJO; TEIXEIRA, 2009, p. 11). Para o autor, o imaginário não é o contrário do real, ambos – a sua natureza onírica e a realidade em si – se complementam.

Pensamento semelhante pode ser encontrado nas definições de Maffesoli (2001; 2007). O sociólogo se distancia do senso comum acerca do imaginário como algo que se opõe ao real, ao verdadeiro, embora também reconheça a dificuldade em precisar sua criação ou transfiguração. Em tempo, vale ressaltar, que não são as imagens que produzem um imaginário. De acordo com o autor, “a existência de um imaginário determina a existência de conjuntos de imagens. A imagem não é o suporte, mas o resultado” (MAFFESOLI, 2001, p. 77).

Em suas palavras, o imaginário é “uma força social de ordem espiritual, uma construção mental, que se mantém ambígua, perceptível, mas não quantificável” (MAFFESOLI, 2001, p. 75). Ao mesmo tempo que é impalpável, também é real. Diferente, porém, de Durand, Maffesoli (2001) defende que só existe imaginário coletivo.

Pode-se falar em “meu” ou “teu” imaginário, mas, quando se examina a situação de quem fala assim, vê-se que o “seu” imaginário corresponde ao imaginário de um grupo no qual se encontra inserido. O imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado nação, de uma comunidade, etc. O imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual. (MAFFESOLI, 2001, p. 76)

Essa ideia de fazer parte de algo, inserir-se em grupos, estabelecer vínculos, inerente ao imaginário pós-moderno, reflete no que o autor chama de “tribalismo”. Ao mesmo tempo, Maffesoli (2001) encara o imaginário para além da cultura de um grupo; é a “aura”, parafraseando Walter Benjamin, que a ultrapassa e a alimenta.

---

Podemos, portanto, pensar o imaginário como esse lugar onde as estruturas sociais e as relações de poder se estabelecem e se modificam a todo momento. Tais concepções são úteis à ideia de imaginário que buscamos problematizar aqui. Isto é, aquele intrínseco às sociedades patriarcais de séculos passados com reflexos nas sociedades contemporâneas e, tão logo, nas suas produções midiáticas.

Ambos os pensadores do imaginário, evidenciam a importância das “difusoras de imagens” (DURAND, 2004), como a mídia, para reproduzir e conservar regimes simbólicos que constituem o imaginário para o público geral. No que diz respeito à dimensão simbólica dos produtos midiáticos, Kellner (2001), ancorado nas críticas ideológicas dos Estudos Culturais, os enxergam como formas de “pedagogia cultural”, uma vez que carregam valores capazes de ensinar como pensar, agir e se comportar. O autor fala em uma “cultura da mídia” importante para a organização da vida cotidiana e para a construção do sujeito.

A cultura contemporânea da mídia cria formas de dominação ideológica que ajudam a reiterar as relações vigentes de poder, ao mesmo tempo que fornece instrumental para a construção de identidades e fortalecimento, resistência e luta. Afirmamos que a cultura da mídia é um terreno de disputa no qual grupos sociais importantes e ideologias políticas rivais lutam pelo domínio, e que os indivíduos vivenciam essas lutas por meio de imagens, discursos, mitos e espetáculos veiculados pela mídia. (KELLNER, 2001, p.10-11)

Em suas revisões sobre a Teoria Crítica, Thompson (2012) também trata da dimensão simbólica da mídia e atribui ao intercâmbio de símbolos, valores e ideias, os avanços tecnológicos, ressaltando a importância da técnica para a reelaboração do caráter simbólico da vida social. Os dois autores se distanciam da ideia de receptor passivo das referências frankfurtianas para reiterar o papel ativo que os sujeitos possuem nessa troca (KELLNER, 2001; THOMPSON, 2012), influenciando, ainda, o imaginário social.

Ao lidar com arquétipos<sup>5</sup>, por exemplo, a publicidade e o cinema, como menciona Maffesoli (2001), precisa estar em sintonia com o que é “vivido”, de forma a ter mais aderência no meio social.

Assim, uma visão esquemática, manipulatória, não dá conta do real, embora tenha uma parte de verdade. A genialidade implica a capacidade de estar em sintonia com o espírito coletivo. Portanto, as tecnologias do

---

<sup>5</sup> Na perspectiva durandiana, podem ser lidos como instâncias originais e universais do imaginário, que se manifestam culturalmente através de símbolos.

---

imaginário bebem em fontes imaginárias para alimentar imaginários.  
(MAFFESOLI, 2001, p. 81)

É neste contexto que enquadrámos a cobertura noticiosa da violência contra a mulher e o estereótipo do corpo frágil, historicamente atrelado às mulheres para associar e/ou, por vezes, justificar as situações de vulnerabilidade sobre as quais elas se veem submetidas.

### **O imaginário patriarcal na perspectiva da violência de gênero**

A atenção atribuída aos casos de violência por razões de gênero, isto é, como forma de validação das relações assimétricas de poder, da dominação masculina (BANDEIRA, 2014), revelou-se, a partir da década de 1970, parte essencial de uma agenda midiática de gênero, sobretudo, na mídia hegemônica, como aprofundado em pesquisas como a de Hasan e Gil (2016) e Varona e Gabarrón (2015).

A questão, no entanto, ressalta os autores, está na forma como a cobertura do tema é feita. Nesse aspecto, podemos citar desde as narrativas de culpabilização e revitimização da vítima até mesmo as abordagens sensacionalistas ou romantizadas em torno dos casos, que levam a crê-los como situações isoladas, e não como um problema latente com raízes estruturais (HASAN; GIL, 2016; VARONA; GABARRÓN, 2015). Afinal, foram mais de 50 mil casos por dia de violência física, psicológica e/ou sexual contra a mulher contabilizados no Brasil, apenas em 2022<sup>6</sup>.

Considerando a discussão trazida no item anterior, essas práticas jornalísticas, analisadas sob uma perspectiva simbólica, também refletem valores e ideais inerentes a um imaginário patriarcal, que, mesmo no contexto de avanços das lutas emancipatórias, resgata e alimenta discursos e pensamentos conservadores. Segundo Mota-Ribeiro (2005), isso tem clara relação com as imagens que se constroem e se difundem em relação ao gênero feminino, apontando para a influência que a mídia, com destaque à imprensa, possui nesse processo.

Por um lado, a sociedade produz imagens, representações visuais do feminino (no cinema, na televisão, nas artes visuais, na fotografia, na publicidade, etc.), que são elas próprias reflexo e resultado das representações sociais do que é o feminino, de uma ideia socialmente

---

<sup>6</sup>Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2023.

---

enraizada relativa à feminilidade. Por outro, aquelas imagens, mais ou menos massivamente difundidas, produzem e sedimentam modos de pensar o feminino nas sociedades ocidentais. (MOTA-RIBEIRO, 2005, p. 9)

A fundamentação da autora se dá em torno das concepções de que o gênero é construído culturalmente. No caminho de interpretá-lo ainda como uma categoria política, pode-se dizer que o gênero é “um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado” (SCOTT, 1995, p. 88). Compreendendo-o, dessa forma, como um fenômeno social, e não natural, o gênero constitui-se de expectativas e padrões a serem apreendidos e interiorizados pelo sujeito por meio das instituições sociais – Estado, igreja, escola – e nas interações com o outro. Não obstante, claro, isso ocorrerá de maneira distinta em relação ao que se entende por masculino e feminino (MOTA-RIBEIRO, 2005). Nesse sentido, Mota-Ribeiro (2005) chegar a falar em uma identidade feminina que se forma a partir dessas imagens e imaginários em torno da figura da mulher.

A identidade feminina terá tendência para ser uma incorporação de crenças face ao feminino, de representações e de estereótipos, uma vez que é criada numa sociedade que produz ideias e valores acerca do que significa ser mulher, logo, que cria expectativas e prescreve comportamentos socialmente aceitos para o feminino. (MOTA-RIBEIRO, 2005, p. 24)

Ao retrato da mulher ocidental, a autora atribui influência direta dos mitos em torno da primeira mulher, nas tradições helênica, com Pandora; judaica, com Lilith; e cristã, com Eva. Articulando noções de beleza, sedução, pecado e perdição, as três figuras femininas se apresentam “como um ser que se esconde por detrás da ornamentação, usando a sua beleza como veículo para levar os homens à destruição” (MOTA-RIBEIRO, 2005, p. 25). Na tradição cristã há, ainda, a figura da virgem Maria, representando a pureza, perfeição e obediência; um padrão inatingível daquilo que deveríamos ser, enquanto Eva, do lado oposto com suas imperfeições, traz a marca daquilo que somos (MOTA-RIBEIRO, 2005).

As imagens alimentadas por essas figuras, de acordo com a autora, enformam uma concepção negativa a respeito do corpo feminino, associado, não raras as vezes, ao pecado, ao prazer masculino, à passividade e, também, fragilidade. As próprias mulheres, nesse contexto de dominação masculina, podem reproduzir essas representações visto que ainda são os homens os grandes produtores e disseminadores dessas imagens



---

(MOTA-RIBEIRO, 2005), daí a importância de problematizá-las, lê-las criticamente, e, sem dúvidas, fornecer artifícios para tal.

Um movimento interessante nessa direção é perceber os tensionamentos do estereótipo do corpo frágil, indefeso, ao mesmo tempo que sedutor, “empoderado”, com a narrativa pós-feminista do *Girl Power* – uma espécie de feminismo popular, abraçado pela mídia e sustentado pelas vias do consumo (BRABON, GENZ; 2009; MEDEIROS, 2015) – presente na *Capricho*. Ainda que não seja intenção deste artigo desbravar-se sobre as manifestações pós-feministas encabeçadas por diversas correntes a exemplo do *Girl Power*, vale entender que:

Reivindicando elementos de feminilidade e seus usos na moda e na composição do estilo, o *Girl Power* descarta a ideia de que o feminismo é necessariamente antifeminino e antipopular, e que a feminilidade é sempre sexista e opressiva. Ao contrário, ele aparece com a proposta de juntar ideias feministas e características ditas femininas. (MEDEIROS, 2015, p. 105-106)

Alinhadas, portanto, à retórica neoliberal, essas narrativas refletem as ambiguidades que as próprias imagens criadas e difundidas em torno do gênero feminino declamam. Até porque, como sublinha Mota-Ribeiro (2005), tratam-se de modelos, na maioria das vezes, inalcançáveis.

Ao olhar, dessa forma, para a imprensa feminina é possível observar esse jogo de imagens entre os modelos de feminilidades contemporâneos, que posicionam a mulher num lugar de prestígio e poder – na perspectiva neoliberal, atrelado ao consumo e esvaziado politicamente de sentido (FRASER, 2009) –, mas também modelos que a relegam à um lugar de inferioridade, passividade, aos quais estiveram historicamente submetidas, por sinal, desde o momento em que “tomam parte do mundo” (BEAUVOIR, 2009). É a partir desse tipo de problematização que a análise a seguir toma forma.

### **A cobertura do caso Duda Reis e Nego do Borel na Capricho**

Em janeiro de 2021, a atriz Duda Reis, na época com 19 anos, resolveu falar abertamente, em suas redes sociais, sobre os abusos físicos e psicológicos que sofreu durante seu relacionamento com o cantor de funk Nego do Borel, então com 28 anos. Os dois iniciaram o namoro quando ela ainda era menor de idade e ficaram juntos por cerca de dois anos, entre idas e vindas. O cantor, em contrapartida, registrou um boletim de



ocorrência contra a atriz, acusando-a de injúria, calúnia e difamação. Na sequência, a atriz registrou, nas redes sociais, sua ida à Delegacia de Defesa da Mulher de São Paulo para denunciar Nego do Borel por violência doméstica, lesão corporal, estupro de vulnerável, injúria, ameaça e transmissão de HPV<sup>7</sup>.

O episódio teve grande repercussão à época, movimentando o público nas redes sociais e também os veículos tradicionais<sup>8</sup>. Na *Capricho*, o caso totalizou oito publicações, veiculadas na seção “Feminismo”, entre janeiro de 2021 e março de 2022. Dentro do escopo de publicações da respectiva seção, as acusações da atriz contra o funkeiro foi um dos casos que mais repercutiu, com notável protagonismo da vítima.

Constituída a amostra, partimos para a etapa de interpretação dos conteúdos selecionados que corresponde à análise do caso propriamente dita (MORAES, 1999). Para entender como a figura da vítima é construída nessas publicações, fizemos, durante a leitura de cada uma delas, as seguintes perguntas: De que forma a vítima aparece nas publicações? Como ela é posicionada? De que forma esse posicionamento dialoga com o alinhamento editorial feminista da revista? De que forma ele se distancia?

Das oito matérias sobre o assunto, o nome de Duda Reis aparece em seis títulos. Em cinco deles, a atriz assume um papel de protagonismo, isto é, suas ações pautam os conteúdos de repercussão sobre o caso, como por exemplo em: “Duda Reis expõe armadilhas [...]”, “Duda Reis vai à delegacia [...]”, “Duda Reis toma ações legais [...]” (OTTO; JUNQUEIRA, 2021).

Desde a primeira matéria sobre a exposição das agressões, baseada no depoimento da própria atriz, aos conteúdos que tratam dos desdobramentos da denúncia, a *Capricho* deixa evidente as posições de vítima e agressor, sem, em nenhum momento, contestar versões de Duda Reis – algo que não ocorre, por exemplo, com Nego do Borel. “Enquanto Reis desabafava na rede e dizia coisas bastante sérias, Borel atualizava os Stories do Instagram com TikToks bem-humorados, como se nada estivesse acontecendo” (OTTO, 2021), afirma um trecho de uma das publicações.

---

<sup>7</sup> A denúncia foi encaminhada para o Ministério Público. Em abril de 2023, a assessoria da atriz confirmou que este foi devolvido à esfera policial, mas que, do contrário do que teria sido veiculado na mídia, as investigações continuam e tramitam entre São Paulo e Rio de Janeiro. Disponível em <https://emoff.meionorte.com/colunas/mariana-morais/duda-reis-abandona-inquerito-contra-nego-do-borel-e-caso-ganha-reviravolta/>. Acesso em: 28 jul. 2023.

<sup>8</sup> O *Fantástico*, dominical da TV Globo, deu destaque ao caso e exibiu entrevistas com Duda Reis, seu pai, Nego do Borel e uma ex-namorada do cantor, que também relatou ter sofrido abusos. O programa foi ao ar em 17/01/2021. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9186372/?s=0s>. Acesso em: 28 jul. 2023.

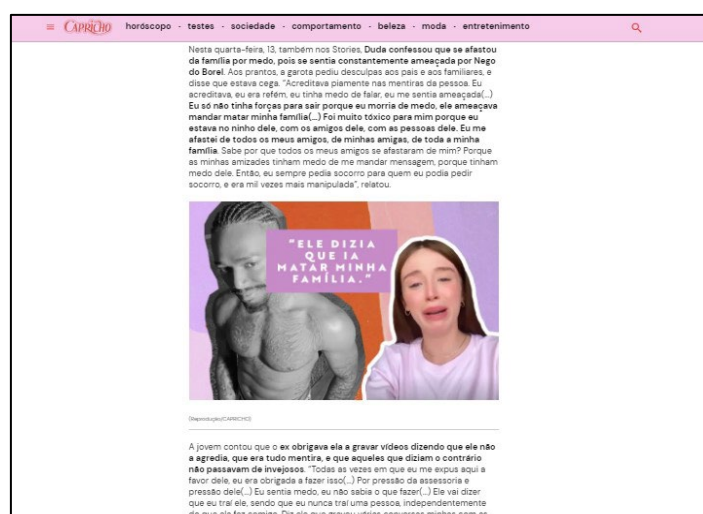
O tom do texto mais informal somado à inclusão de entrevistas com advogadas e às intervenções da própria revista também contribui para tornar evidente as posições que os respectivos personagens assumem nas publicações, assim como as imagens escolhidas para ilustrá-las. Nas primeiras matérias, em meio ao alvoroço das denúncias, reproduzem-se as imagens da atriz em lágrimas, reiterando a fragilidade e vulnerabilidade que estaria enfrentando naquele momento.

**Figura 1 – Ilustração da matéria “Duda Reis vai à Delegacia da Mulher fazer denúncia contra Nego do Borel”**



(Reprodução | Capricho)

**Figura 2 – Ilustração da matéria “Duda Reis expõe armadilhas da relação abusiva ao falar sobre Nego do Borel”**



(Reprodução | Capricho)

---

Posteriormente, nas últimas matérias que dizem respeito ao caso, a atriz já não é posicionada em um lugar de fragilidade, como demonstra o seguinte trecho retirado de publicação de março de 2022.

A influenciadora Duda Reis e a advogada e psicanalista Izabella Borges criaram o Survivor, instituto que presta suporte às vítimas de violência doméstica [...]. Duda, que sofreu violência doméstica de Nego do Borel, fala um pouco sobre isso: “O projeto é fruto da nossa experiência. Tanto eu, como vocês sabem, quanto a Izabella somos sobreviventes. Tudo o que passei no último ano fez crescer uma vontade muito forte dentro de mim de ajudar as mulheres em situação de violência. Eu tenho a oportunidade de poder contratar uma equipe multidisciplinar”. (NUNES, 2022)

De tal modo, a análise permite observar que, na *Capricho*, a vítima de violência assume esse lugar de vulnerabilidade e passividade, como nos veículos tradicionais (VARONA; GABARRÓN, 2015). Características essas intrínsecas ao imaginário que se cria em torno da figura feminina e, sobretudo, de seu corpo, como visto com Mota-Ribeiro (2005). No âmbito das relações amorosas, sobretudo heterossexuais, o controle sobre os corpos femininos é refletido através da violência, como evidenciado por Bandeira (2014):

A violência de gênero, gerada na intimidade amorosa, revela a existência do controle social sobre os corpos, a sexualidade e as mentes femininas, evidenciando, ao mesmo tempo, a inserção diferenciada de homens e mulheres na estrutura familiar e societal, assim como a manutenção das estruturas de poder e dominação disseminadas na ordem patriarcal. Em outras palavras, equivale a dizer que a violência física e sexual está sendo mantida como forma de controle, já que se ancora na violência simbólica. (BANDEIRA, 2014, p. 459)

No caso em questão, a vítima é uma mulher jovem e que, mesmo sendo uma figura pública – geralmente alçada por essas próprias revistas a um padrão inalcançável (MEDEIROS, 2015) – também está suscetível a abusos sexuais e psicológicos por razões de gênero. Ao mesmo tempo, também é possível perceber que a vítima se apoia em discursos feministas, realçado pela própria revista, que a faz transitar para uma outra posição, isto é, de ajudar outras mulheres a denunciarem, alinhada à retórica do empoderamento e da sororidade.

Em tempo, vale pontuar, que o perfil de vítima destacado na *Capricho* diz respeito a uma mulher branca e com certo prestígio social, dada sua influência e atuação no meio artístico e on-line. Sendo assim, não podemos deixar de considerar os indicadores de raça,

indispensável à discussão do gênero, e também de classe, que refletem a dominação hegemônica sobre o qual paira a objetividade jornalística (MORAES; SILVA, 2019). Em outras palavras, são as questões atreladas às mulheres brancas que ganham maior peso e comoção no debate público (HOOKS, 2018, 2019; GONZALEZ, 2020) e, conseqüentemente, nos casos de violência contra a mulher cobertos pela imprensa.

A problematização colocada, contudo, não pretende invalidar a cobertura que a Capricho, enquanto um veículo que se autointitula feminista, atribuiu à situação de violência e vulnerabilidade vivida pela vítima, neste caso uma figura pública. Olhando, porém, de maneira interseccional, tratam-se de lacunas importantes e que suscitam reflexões em torno dos perfis que estão ocupando tal posição na mídia, com destaque aqui para a imprensa feminina.

### **Considerações finais**

Em um cenário de avanços significativos da luta feminista – embora ainda haja um longo caminho a ser percorrido – e de maior acesso à informação e mobilização coletiva possibilitadas em suma pela internet, chama a atenção como os estereótipos que impõem à mulher uma condição histórica de inferioridade seguem enraizados nos produtos midiáticos que consumimos, até mesmo naqueles que se apropriam de bandeiras e pautas consideradas feministas, como a Capricho.

Diante disso, recorreremos a um referencial teórico acerca do imaginário (DURAND, 1996; 2004; 2012; MAFFESOLI, 2001; 2007) na tentativa de compreender a relação entre o imaginário patriarcal e as imagens criadas em torno do gênero feminino que até hoje perduram; seja aquelas mais liberadas, seja aquelas mais conservadoras, que repositionam a figura feminina a um lugar de passividade e fragilidade, ou ainda, todas ao mesmo tempo.

A análise do caso escolhido revelou as dualidades inerentes aos modelos de feminilidades contemporâneos, conforme visto em Mota-Ribeiro (2005). Aqui, ainda destacamos o estereótipo da fragilidade, historicamente associado ao corpo feminino, que remete a esse imaginário patriarcal. Na cobertura do caso Duda Reis e Nego do Borel, na Capricho, nota-se que esse tipo estereótipo também pode ser encontrado junto às noções de força, empoderamento e sororidade que incidem na construção da figura da vítima, representada por Duda Reis, ao longo das publicações.

Ao mesmo tempo, reconhecemos que a figura da vítima construída no site da revista *teen*, a partir deste caso específico, traz lacunas de raça e classe que não devem ser deixadas de lado nas discussões de gênero. Estas, por sua vez, também influenciam nas construções dos perfis de vítima aos quais se atribuem atenção na mídia, indicando caminhos para pesquisas futuras. Nesse sentido, atentar-se ao imaginário que também direciona as construções midiáticas em torno da figura do abusador – no caso deste objeto, um homem negro sendo acusado de um crime – se mostra uma rota de investigação interessante, não abarcada aqui por uma questão de recorte.

Se o imaginário é uma espécie de complementação do real, não limitando-se apenas ao onírico, torna-se importante estudá-lo a luz das questões de gênero, pois, como visto, este também é um espaço onde as relações de poder se estabelecem e se fortalecem.

## REFERÊNCIAS

BANDEIRA, L. M. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. *Revista Sociedade e Estado*. **Brasília**, v. 29, n. 2 maio/agosto 2014. Disponível em <https://www.scielo.br/j/se/a/QDj3qKFJdHLjPXmvFZGsrLq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2023.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. E-book.

BRABON, B.; GENZ, S. **Postfeminism: cultural texts and theories**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2009.

CAMPANELLA, B. Em busca do reconhecimento midiático: a autorrealização do sujeito na sociedade midiaticizada. **E-compós**, [S.l.], v. 22, p. 1-19, 2019. Disponível em <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1499>. Acesso em: 2 abr. 2023.

DUARTE, C. Imprensa feminina e feminista no Brasil: nos primórdios da emancipação. **Revista XIX**, v. 1, n. 4, p. 95–105, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaXIX/article/view/21741>. Acesso em: 7 jul. 2023.

DURAND, G. **Champs de l'imaginaire. Textes réunis para Danièle Chauvin**. Grenoble: Ellug, 1996.

\_\_\_\_\_. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: Difel, 2004.

\_\_\_\_\_. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Editora WMF, 2012.

FRASER, N. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. **Revista Mediações**, Tradução de Anselmo da Costa Filho e Sávio Cavalcante. Londrina, v. 14, n. 2, p. 11-33, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/4505/3782>. Acesso em 10 jan. 2023.

---

FREIRE FILHO, J. “Seja diferente. Seja você”: Romantismo, Pós-Feminismo e Consumismo nas Páginas da Revista Capricho. **Revista Logos**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 166-185, 2005. Disponível em <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/15307>. Acesso em: 7 mai. 2023.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HASAN, V. F; GIL, A. S. La comunicación con enfoque de género, herramienta teórica y acción política. Medios, agenda feminista y prácticas comunicacionales. El caso de Argentina. **Revista de Estudios de Género La Ventana**, v. 5 n. 43. Guadalajara, jan. – jun. 2016, pp. 246-280. Disponível em: <http://revistalaventana.cucsh.udg.mx/index.php/LV/article/view/5838/5334>. Acesso em: 7 mai. 2023.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018. *E-book*.

\_\_\_\_\_. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

KELLNER, D. **Cultura da mídia**. Estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: Edusc, 2001.

LIPPMANN, W. **Opinião Pública**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

MAFFESOLI, M. **O conhecimento Comum**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2007.

\_\_\_\_\_. O imaginário é uma realidade. Revista **FAMECOS**, v. 8, n. 15, p. 74-82, ago. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2001.15.3123>. Acesso em: 1 jul. 2023.

NUNES, B. Duda Reis e Izabella Borges criam projeto de combate à violência doméstica. **Capricho**, 2022. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/duda-reis-e-izabella-borges-criam-projeto-de-combate-a-violencia-domestica/>. Acesso em: 4 fev. 2023.

JUNQUEIRA, G. Duda Reis vai à Delegacia da Mulher fazer denúncia contra Nego do Borel. **Capricho**, 2021. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/duda-reis-vai-a-delegacia-da-mulher-fazer-denuncia-contr-nego-do-borel/>. Acesso em: 4 fev. 2023.

MEDEIROS, C. **Jovens e divas: Construção do feminino na mídia contemporânea**. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MORAES, R. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod\\_resource/content/1/Roque-Moraes\\_A\\_nalise%20de%20conteudo-1999.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_A_nalise%20de%20conteudo-1999.pdf). Acesso em 4 de fevereiro de 2023.

MORAES, F.; SILVA, M. V. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: **XXVIII Encontro Anual da Compós**, 2019, Porto Alegre. Anais [...]. Campinas, Galoá, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2019/trabalhos/a-objetividade-jornalistica-tem-raca-e-tem-genero-a-subjetividade-como-estrategia?lang=pt-br>. Acesso em: 10 mar. 2023.

---

MOTA-RIBEIRO, S. **Retratos de mulher: construções sociais e representações visuais do feminino**. Porto: Campo das Letras, 2005.

OTTO, I; JUNQUEIRA, G. Duda Reis expõe armadilhas da relação abusiva ao falar sobre Nego do Borel. **Capricho**, 2021. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/duda-reis-expoe-armadilhas-da-relacao-abusiva-em-relatos-sobre-nego-do-borel/>. Acesso em: 4 fev. 2023.

OTTO, I. Nego do Borel é intimado e vai enfim depor sobre denúncias de agressão. **Capricho**, 2021. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/nego-do-borel-e-intimado-e-vai-enfim-depor-sobre-denuncias-de-agressao/>. Acesso em: 4 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. Duda Reis fala sobre áudio vazado por Nego do Borel e chantagens recebidas. **Capricho**, 2021. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/duda-reis-fala-sobre-audio-vazado-por-nego-do-borel-e-chantagens-recebidas/>. Acesso em: 4 fev, 2023.

\_\_\_\_\_. Duda Reis toma ações legais contra fake news publicadas por Leo Dias. **Capricho**, 2021. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/defesa-duda-reis-toma-acoes-legais-contrafake-news-publicadas-por-leo-dias-caso-nego-do-borel/>. Acesso em: 4 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. Justiça rejeita queixa de difamação de Nego do Borel contra Duda Reis. **Capricho**, 2021. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/justica-rejeita-queixa-de-difamacao-de-nego-do-borel-contraduda-reis/>. Acesso em: 4 fev. 2023.

\_\_\_\_\_. Perfis como o de Nego do Borel em “A Fazenda” são um insistente desserviço. **Capricho**, 2021. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/perfis-como-o-de-nego-do-borel-em-a-fazenda-sao-um-insistente-desservico/>. Acesso em: 4 fev. 2023.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em 8 de maio de 2023.

VARONA, D.; GABARRÓN, N.. El tratamiento mediático de la violencia de género en España (2000-2012): agenda setting y agenda building. **InDret**. Barcelona, n. 2, abr. 2015. Disponível em: <https://indret.com/el-tratamiento-mediatico-de-la-violencia-de-genero-en-espana-2000-2012-agenda-setting-y-agenda-building/>. Acesso em: 25 abr. 2023.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia**. 12ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.